

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO ESCOLAR

UMA INTRODUÇÃO AO PROBLEMA

\* Maria das Graças C. Ferriani

\*\* Maria Aparecida T. Cano

ReBEn/01

---

FERRIANI, M.G.C. e Colaboradora — Assistência de enfermagem ao escolar — uma introdução ao problema. **Rev. Bras. Enf.:** RS, 36: 231-234, 1983.

---

RESUMO

Neste estudo são apresentados alguns aspectos da assistência de saúde ao escolar através dos tempos.

Atualmente, profissionais de saúde estão voltados para a saúde escolar e todos tentam de alguma forma desempenhar o seu papel contribuindo para transformar os escolares em cidadãos úteis e capazes. A enfermagem de há muito tempo despertou seu interesse para melhorar as condições de vida do escolar.

Na literatura consultada verificamos que a enfermeira, em alguns países da Europa e Estados Unidos, faz parte integrante do Sistema Escolar, e esta atividade é oficializada pelo governo.

No Brasil, embora exista uma lei que coloca a enfermeira no sistema escolar, não encontramos nenhuma atividade de enfermagem oficializada e próprias das Secretarias de Educação dos diversos setores da União.

O objetivo deste ensaio é mostrar a importância da assistência de enfermagem dentro do sistema escolar.

1. INTRODUÇÃO

Desde épocas muito remotas a preocupação pela saúde da criança foi sempre uma tônica no desenvolvimento dos povos.

Stofel (1972) afirma que a idade escolar representa para a criança um marco importante, com diferenças não só na parte física como psíquica e social. Na escola a educação é integral, harmônica e coordenada. Daí a importância da saúde escolar.

Para Costa (1974) a idade escolar é uma fase durante a qual o organismo deve contar com uma série de condições favoráveis (alimentação, cuidados higiênicos, suporte afetivo) para que a criança possa obter um número considerável de aquisições que lhe são necessárias: físicas (crescimento, formação de hábitos), mentais (ajustamento ao meio ambiente, relacionamento); emocionais (harmonia de expressões, sentimento de confiança, equilíbrio emotivo).

Atualmente, profissionais de saúde estão voltados para a saúde escolar e todos tentam de alguma forma desempenhar o seu papel contribuindo para transformar os escolares em cidadãos úteis e capazes. A enfermagem de há muito despertou seu interesse para melhorar as condições de vida do escolar.

Em 1981, num Congresso Internacional de Higiene e Demografia em Londres, o Dr. Malcom Morris propôs que uma equipe de enfermeiras visitasse regularmente as escolas primárias para examinar as crianças. Em 1982, enfermeiras foram introduzidas no sistema londrino e Amy Hygles aceitou o convite para se tornar a primeira enfermeira em escola primária (Dolan, 1978).

Florence em 1892 iniciou com sucesso o que ela chamou de "Missionárias da Saúde", enfermeiras que deveriam, segundo o seu plano, visitar as casas além da enfermagem, dispensar ensinamentos de higiene. Florence provou mais uma vez, que colocava a prevenção acima da cura, uma atitude que a situava bem à frente da maioria de seus contemporâneos (Seymer).

---

\* Professor Assistente da disciplina de Pediatria da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto USP.

\*\* Auxiliar de Ensino da disciplina de Pediatria da E.E.R.P.

Nos Estados Unidos, a enfermagem escolar iniciou-se em 1902 com a enfermeira Lilian Wald e uma nova relação enfermagem-educação, floresceu para a enfermagem de saúde pública (Oda, 1977).

Em 1903, em New York, estabeleceu-se o 1º serviço municipal para crianças nas escolas e a enfermeira Lina Rogers foi empregada pelo Ministério da Saúde. Já em 1905, iniciaram-se programas de saúde organizados pela enfermeira Lilian Wald e a Secretária da Educação de New York. Nestes programas incluía-se a alimentação para todas as crianças da rede escolar pública (Dolan, 1978).

No Brasil, encontramos alguns ensaios sobre assistência de enfermagem ao escolar. Nos cinco anos que mediaram os primeiros serviços de saúde escolar por volta de 1930, estimulado por Oscar Clark e contados até que surgisse a primeira reação da ABEN — Seção do Distrito na década de 1950, a favor do respeito da Legislação Vigente, quanto a provimento nos cargos de enfermeiro, o que se observava era uma triagem para os serviços de enfermagem escolar de uma maioria de atendentes sem habilitação nenhuma. Em 1935, através de uma lei, criou-se os cargos para enfermeiras escolares na Guanabara e cerca de 200 enfermeiras de Saúde Pública das unidades sanitárias foram atingidas e trabalhavam em subchefia; chefia geral não abrangia o serviço de enfermagem escolar (Rev. Bras. Enf. 1963).

Em 1965, a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia já se preocupava com os problemas de repetência e evasão dos escolares e elaboraram um plano experimental de saúde em escolas da periferia da Bahia com o objetivo de relacionar estes problemas com a área física da escola, com deficiências físicas do escolar e com o pouco conhecimento de saúde por parte dos professores (Costa, 1974).

Locato (1976) estuda medidas de saneamento nas escolas, com o objetivo de melhorar as condições de saúde dos estudantes, propiciando melhor rendimento escolar.

Resende (1979), em seu estudo sobre: “Atuação da Enfermagem em um sistema de saúde comunitária”, inclui o atendimento do escolar em nível ambulatorial. Relata que a triagem teve início com classes-problema e de repetentes selecionados pela orientadora pedagógica. As professoras, orientadas pela psicóloga, preparam o histórico escolar, relatam o relacionamento-comportamento, aproveitamento dos alunos em ficha própria e aplicam o teste de audiometria. Esses alunos eram encaminhados para o ambulatório juntamente com o histórico escolar, a ficha, o resultado do teste de audiometria e, no serviço de enfermagem é verificado: peso, estatura, perímetro cefálico, temperatura, pressão arterial e aplicado teste de optometria. Em seguida, encaminhados ao médico.

Observamos, através da literatura consultada, que há um consenso geral do benefício que a Assistência de Enfermagem, trará para a população escolar.

## II — IMPORTÂNCIA DA SAÚDE ESCOLAR

O desenvolvimento global do escolar está sob a influência de fatores sociais e ambientais, em que se insere como parte importante de saúde e nutrição (Cravioto e Licardie, 1968).

A repetência e a deserção escolar são freqüentes nos setores mais pobres da população, continuam sendo os dois grandes vazamentos responsáveis pelo desnível entre as metas e os resultados reais dos esforços para universalizar a instrução primária (Silva, 1979).

Dados do serviço de estatística do Ministério da Educação e Cultura (1972) mostram que em 1.000 crianças matriculadas no 1º ano apenas 490 atingiram o 2º ano, o que significa uma perda de aproximadamente 50% na passagem do 1º e para o 2º ano primário (Dantas, 1979).

Chaves (1972) classificou a desnutrição como principal problema escolar no Brasil, afirmando que “o país está contribuindo para a formação de uma massa de indivíduos inferiorizados até para o trabalho artesanal, em função de deficiências físicas e mentais, provocadas por fatores que vão desde a desnutrição até a total ausência de estímulos intelectuais indispensáveis para qualquer aprendizado”.

Para Raya (1981), uma criança aprende a ler quando tem interesse por isso, quando o ato de ler proporciona prazer. Seu interesse está dependente de fatores ambientais, que podem mantê-la apática, desinteressada e retraída ou de torná-la ativa, interessada e desinibida.

O intelecto da criança pode demorar algum tempo para desenvolver-se, e a criança aprende corretamente se contar com o estado físico adequado, sistemas sensoriais intactos, ambiente saudável e compreensivo, e oportunidade de ensino adequado.

Ferreira (1979) afirma que as condições de vida precárias das famílias de baixa renda as obrigam a enfrentar uma série de problemas sócio-econômicos e de saúde. Nessas circunstâncias, a criança terá dificuldades para encontrar em seu ambiente imediato algum pessoal disponível e preparada para sintonizar com ela e capaz de perceber, estimular e responder aos seus comportamentos.

Para Trindade (1972), a saúde escolar tem por finalidade a supervisão adequada dos aspectos físico, mental e emocional do escolar, intervindo para resolver muitos dos graves problemas da repe-

tência, e empregando meios para que a criança durante sua permanência na escola mantenha melhor e aumente seu índice de saúde assim como de sua família.

Para Oda (1974), os serviços de enfermagem escolar devem se centralizar no estudante como membro de uma família, dentro da escola e comunidade.

Bhalerao (1981) afirma que a melhor maneira de despertar o interesse dos adultos para a saúde é transmitir a mensagem através dos seus filhos.

Sentimos que a presença da enfermeira no sistema escolar seria de grande importância diante da história pregressa da enfermagem com relação ao escolar. Em 1936, Frankel afirmava que a enfermeira escolar é considerada parte integrante de qualquer organização educacional. O primeiro objetivo da enfermeira é de assegurar o máximo de saúde e de cooperação inteligente por parte do escolar. Trabalhando neste sentido a sua atividade vai colocá-la em contato com os pais, com os professores, com os profissionais de saúde e os recursos da comunidade, estendendo o seu interesse à família inteira, e não somente ao escolar.

Na literatura consultada, verificamos que a enfermeira, em alguns países da Europa e dos Estados Unidos, faz parte integrante do sistema escolar e esta atividade é oficializada pelo governo. Nestes sistemas escolares existem programas específicos de enfermagem, delineados de acordo com as necessidades da população onde o grupo escolar está inserido.

No Brasil a saúde escolar sempre foi uma das áreas de atuação da enfermagem de saúde pública. Atuação esta realizada através da Secretaria de Saúde ou do trabalho de Faculdades de enfermagem e, como tal, é um trabalho realizado quando surge algum problema específico de saúde na rede escolar, ou um trabalho que se interrompe ao longo do tempo. Para que houvesse um trabalho preventivo, rotineiro e ininterrupto seria necessário a presença da enfermeira nos próprios quadros das Secretarias de Educação, assim como a presença de outros profissionais da saúde. Isto já é previsto pela lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, título XI, artigo 90 "Em cooperação com outros órgãos ou não, incumbe os sistemas de ensino, técnica e administrativamente, prover, bem como orientar, fiscalizar e estimular os serviços de assistência social, médica, odontológica e de *enfermagem* aos alunos" (CIE, 1981).

Embora exista esta lei, que coloca a enfermeira no sistema escolar, não encontramos nenhuma atividade de enfermagem oficializada e própria das Secretarias de Educação do Estado de São Paulo. Isto nos preocupa, pois sabemos a capacidade profissional da enfermeira e o quanto poderia beneficiar parte da população infantil que, pela sua vulnerabilidade física e psicológica, necessita de uma assistência contínua para a formação de indivíduos sadios, preparando-os para futuramente assumir o seu papel na sociedade.

Em vista dos aspectos levantados com relação ao escolar, sabendo da importância e valor da assistência de enfermagem junto a essas crianças, conhecendo a capacidade profissional da enfermeira é que nos perguntamos: Por que até hoje esforços não foram unidos para uma atuação efetiva? Por que tão pouco se fez em vista de tanto conhecimento acumulado com relação à vulnerabilidade física e psicológica do escolar? Que fatores teriam influenciado, para que muitos profissionais abandonassem seus empreendimentos de valor junto ao sistema educacional?

Estas e muitas outras indagações nos ocorrem ao registrarmos a riqueza de dados e os esforços que a enfermagem vem empreendendo para se integrar ao sistema escolar.

Está na hora de tomarmos uma posição mais firme com relação a essa situação e lutarmos pela real efetivação de um papel que é oficial, mas está relegado a um segundo plano.

Esta tomada de posição virá beneficiar grande número de escolares carentes de assistência à saúde.

## SUMMARY

This study shows some aspects of the nurse attendance to children in elementary school.

Nowadays, health workers pay attention to the health of children in school-age, and all of them play their role, in a contribution to develop school-children in useful and able citizens.

Nursing, since many years ago, is taking care to ensure better conditions of life to school-children.

We read papers and verified that in some countries of Europe and in the United States nursing is part of the school system, officially.

In Brazil, although there is a law obligating nursing care to school children, we don't find any nursing official activity.

The aim of this trial is to show the importance of nursing attendance in the school system.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BHALERAO, V.R. — Los escolares, promotores de la salud de la familia. *Forum Mundial de la Salud. Rev. Internacional de desarrollo Sanitário*, 2 (2), 1981.
2. CHAVES, N.; TOLEDO S.A. — O problema da nutrição escolar no Estado de São Paulo, São Paulo, 1973 (apostila mimeografada).
3. COSTA, I.S. — “Educação em Saúde Escolar: Análise de uma experiência”. *Rev. Bras. Enf.* 27 (1): 98-111, 1974.
4. CRAVIOTO, J.; LICARDI, E.R; BIRCH, H.G. — Nutrition growth and neuraintegrative development. *Pediatrics*, 38: 319-353, 1966.
5. DANTAS; J.B. — Efeitos da Estimulação Escolar na Realização de Crianças em vários Estados Nutricionais. *Cadernos de Pesquisa*, (29): 97-109, junho, 1979.
6. DOLAN, J.A. — *Nursing in Society*. Londres. W.B. — Saunders Company, 1978.
7. ENFERMAGEM NOS SERVIÇOS DE SAÚDE ESCOLAR. *Rev. Bras. — Enf.*, 16: 57-58, abril, 1963.
8. FERREIRA, M. C. R. — Interação entre nutrição e fatores sócio-econômicos e culturais sobre o desenvolvimento. *Cadernos de Pesquisa*, (29): 37-47, junho, 1979.
9. FRAENKEL, E. — A enfermeira escolar e o seu objetivo. *Annaes de Enfermagem* (8): 9-10, novembro, 1936.
10. LOCATO, M. L. et alii — Saneamento nas Escolas Públicas. *Rev. Bras. Enf.*, DF, 29: 64-70, 1976.
11. ODA, D. — El Papel de la Enfermera de Salud Comunitaria en los Sistemas Escolares. In: *Enfermeria de Salud Comunitaria*. OMS. 1977.
12. RAYA, L. C. — *Educação: Caminho para a Liberdade*. São Paulo, Livraria Brasil, 1981.
13. RESENDE, M. C. et alii — *Atuação da Enfermagem em um Sistema de Saúde Comunitária*. Publicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1979.
14. SÃO PAULO. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Documentos Básicos para a Implantação da Reforma do Ensino de 1º e 2º graus. Imprensa Oficial do Estado S/A, 1981.
15. SEYMER, L. R. — *Florence Nightingale*. Tradução de J. Guinsburg. Edições Melhoramentos S/D.
16. SILVA, A. C. — *Pobreza, Desenvolvimento Mental e Desempenho Escolar*. *Cadernos de Pesquisa*, (29): 7-9, junho, 1979.
17. STAFFEL, F. — “Ortogênese do Escolar — Evolução e Conceituação”. *Pediatria Moderna*, 7(1): 28-48, abril, 1972.
18. TRINDADE, J. C. — “A Saúde Escolar e seus novos rumos”. *Pediatria Moderna*, 7(1): 8-27, abril, 1972.

#### EXPECTATIVAS DO PESSOAL DE ENFERMAGEM EM RELAÇÃO ÀS ATIVIDADES DE ENFERMAGEM EXERCIDAS PELO ENFERMEIRO NUMA UNIDADE DE BERÇÁRIO DE ALTO RISCO.

\* Dulce Maria Vendruscolo de Freitas

\*\* Oranice Ferreira Copedê

ReBEn/02

---

FREITAS, D.M.V. e colaboradora — Expectativas do pessoal de enfermagem em relação a atividades de enfermagem exercidas pelo enfermeiro numa unidade de berçário de alto risco - **Rev. Bras. Enf.**: RS, 36: 234-245, 1983.

---

\* Docente da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

\*\* Enfermeira-Chefe da Unidade de Berçário de Alto Risco — Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP.